

## **ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (DEZEMBRO 2017)**

Com base na amostra representativa da IACA (19 empresas) constata-se, em **dezembro de 2017**, uma produção de 200 230 tons, contra 188 594 tons de dezembro de 2016, uma subida, de 6.2%, face ao mês homólogo do ano anterior, o que acontece pelo oitavo mês consecutivo, impulsionado, tal como nos meses anteriores, pelos incrementos nos bovinos e outros animais.

O crescimento homólogo – apesar da redução da produção comparativamente a novembro, tal como já tinha acontecido em 2016 - ficou a dever-se às subidas de 21.6% nos alimentos para outros animais, e de 13.4% nos alimentos para bovinos, em parte devido aos efeitos da seca e à produção para as zonas dos incêndios (IACA Solidária e colaboração com a OMV), uma vez que a procura de alimentos para aves foi menos significativa (4.7%) e os suínos registaram até uma retração de 1.1%. No fundo, este foi o retrato do ano de 2017: produções relativamente em alta em todos os segmentos, sobretudo nos ruminantes, com redução da procura nos alimentos para suínos. No entanto, os resultados de dezembro são ainda mais “*surpreendentes*” se tivermos em linha de conta que tivemos menos dias de fabrico: 18 em 2017 contra os 20 de 2016.

No entanto, tal não significa que o mercado esteja em alta e que o Setor se encontre numa conjuntura confortável. Pelo contrário, continuamos a confrontarmo-nos com os problemas e estrangulamentos do costume, para o qual vamos tentando encontrar respostas, em Portugal, ou no quadro europeu, seja a montante, ao nível do aprovisionamento de matérias-primas, em qualidade e disponibilidades, seja a jusante, nas explorações pecuárias e na relação com a grande distribuição, no funcionamento da cadeia alimentar. O Plano de Ação da IACA, recentemente aprovado pela Assembleia-Geral, com os objetivos e iniciativas, designadamente a consolidação do QUALIACA e o seu financiamento em 50% pelo orçamento da Associação, bem como ações que temos previsto com as autoridades oficiais, ou com outras congéneres da Fileira, consubstanciam esta vontade e necessidade de criar soluções e apresentar propostas concretas. Porque os desafios são enormes, a concorrência acentua-se e está em causa a reputação da indústria agroalimentar e a imagem da produção animal: no açúcar, sal, gordura, leite, carnes vermelhas, impacto na saúde humana, bem-estar animal, resistência antimicrobiana, ambiente, alterações climáticas, funcionamento equilibrado da cadeia alimentar, com os baixos preços pagos à produção. Um conjunto de questões que nos são hoje colocadas, em nome dos consumidores, e aos quais temos de responder de forma conjunta e concertada.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	<b>Dezembro 2016</b>	<b>Dezembro 2017</b>	<b>Variação (%)</b>
AVES	91 508	95 787	4.7
BOVINOS	41 884	47 487	13.4
SUINOS	44 760	44 255	-1.1
OUTROS	10 442	12 701	21.6
<b>TOTAL</b>	<b>188 594</b>	<b>200 230</b>	<b>6.2</b>

Tudo isto, apesar da conjuntura económica de Portugal ser relativamente favorável, em termos de crescimento do PIB, da baixa do desemprego – numa altura em que parecem aumentar os conflitos laborais, com mais instabilidade – e da redução do déficit, mas com riscos colocados por um maior endividamento. Falta, sobretudo, mais e melhor investimento, apoio às exportações, financiamento, mais agilidade e menos burocracia, uma maior atenção á importância das PME e sobretudo do setor agroalimentar na criação de emprego e de riqueza para o País, com destaque para as regiões do interior.

**Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro**

Toneladas

	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>VAR% 2017/16</b>
JANEIRO	179 056	177 309	193 210	9.0
FEVEREIRO	165 332	177 524	171 577	-3.4
MARÇO	190 367	198 431	208 306	5.0
ABRIL	189 072	184 805	180 973	-2.1
MAIO	176 539	189 448	203 042	7.2
JUNHO	187 051	190 945	193 879	1.5
JULHO	198 635	184 806	194 496	5.2
AGOSTO	183 930	199 259	204 501	2.6
SETEMBRO	190 410	196 772	198 101	0.7
OUTUBRO	199 514	199 257	205 189	3.0
NOVEMBRO	189 311	196 960	209 144	6.2
<b>DEZEMBRO</b>	<b>195 631</b>	<b>188 594</b>	<b>200 230</b>	<b>6.2</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2 244 848</b>	<b>2 284 110</b>	<b>2 362 648</b>	<b>3.4</b>

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos**

(Valores Acumulados)

Toneladas

	<b>Jan-Dez 2016</b>	<b>Jan-Dez 2017</b>	<b>Varição (%)</b>
AVES	1 127 588	1 198 776	6.3
BOVINOS	485 205	513 055	5.7
SUINOS	546 002	518 827	-5.0
OUTROS	125 315	131 990	5.3
<b>TOTAL</b>	<b>2 284 110</b>	<b>2 362 648</b>	<b>3.4</b>

Por outro lado, considerando as empresas que integram a nossa base de monitorização mensal, neste ano de 2017, são 11 (11 em novembro) as que melhoraram ou estabilizaram a produção face ao ano passado, representando 67.3% de quota de mercado, contra os 63.9% de 2016, o que significa um relativo aumento na concentração da atividade, com maior impacto nos segmentos avícola e nos suínos. O facto é que **o mercado, medido pela amostra (as produções globais da IACA serão apuradas em breve), depois dos dados de dezembro, cresceu 3.4% (3.2% até novembro), pelo impacto do setor avícola e dos bovinos (igualmente os pequenos ruminantes), com uma quebra relevante nos alimentos para suínos.** O registo de uma produção em alta fica a

dever-se ao incremento de 6.3% no mercado avícola (sobretudo no chamado mercado do frango industrial, com o rural em dificuldades), subida nos bovinos (5.7%) e outros animais (5.3%), com forte redução nos suínos (-5.0%), embora mais esbatida que nos meses anteriores. No que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou um crescimento de 11.8% em dezembro, o que significa um acumulado de 2.2% em 2017. De registar que o peso deste mercado se situou em 36.2% contra os 36.6% de 2016, o que mostra uma notável capacidade de resiliência, pese embora as circunstâncias excecionais de 2017.

#### Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2016	2017	2016	2017	2016	2017	2016	2017
JANEIRO	81	97	40	42	45	43	12	12
FEVEREIRO	82	88	39	36	45	37	11	10
MARÇO	95	108	41	43	50	45	12	13
ABRIL	91	97	38	36	45	39	10	10
MAIO	95	106	39	41	45	44	11	12
JUNHO	97	100	39	41	45	42	10	11
JULHO	96	102	38	41	42	41	9	10
AGOSTO	102	104	42	46	46	44	10	10
SETEMBRO	100	100	42	44	45	44	10	10
OUTUBRO	101	101	42	47	47	47	9	10
NOVEMBRO	96	100	44	49	47	48	11	12
<b>DEZEMBRO</b>	<b>92</b>	<b>96</b>	<b>42</b>	<b>47</b>	<b>45</b>	<b>44</b>	<b>10</b>	<b>13</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1 128</b>	<b>1 199</b>	<b>485</b>	<b>513</b>	<b>546</b>	<b>518</b>	<b>125</b>	<b>133</b>

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

No que respeita aos mercados dos **produtos animais**, nos **produtos avícolas**, o frango tem registado uma relativa estabilidade, tal como o peru, e os ovos um período de quebra, que se tem acentuado sobretudo no mercado do Ribatejo Oeste. O **leite**, tendo sido fixada a zero, a intervenção de leite em pó para a próxima campanha, começa a viver um período de alarme, com uma produção europeia em alta, que não é sustentável nas condições de mercado atuais. E, recorde-se, em Portugal não assistimos aos aumentos de preços constatados na União Europeia, o que pode ser ainda mais preocupante. Ao nível dos **bovinos de carne**, a Bolsa de 2 de fevereiro manteve as cotações dos novilhos e novilhas, enquanto que as vitelas subiram 0.10 €, pela segunda semana consecutiva. Nos **suínos**, tal como no leite, receamos nova crise, tendo Portugal sido porta-voz das inquietações, no Conselho Agrícola de 29 de janeiro. A Polónia, a braços com problemas de Peste Suína Africana, exigiu medidas de mercado, como ajudas á armazenagem privada e o regresso das restituições á exportação. Para já, a Comissão rejeita quaisquer medidas, mas os problemas já se fazem sentir e todos esperamos que as questões sanitárias não ponham em causa as exportações. Apesar destes sinais, as cotações são de subida, com a Bolsa do Porco de 1 de fevereiro a registar um aumento de 0.020 €/kg carcaça. Nas **matérias-primas**, confirmam-se as notícias de produções record nos cereais, mas com preços altistas (cevada e milho), e igualmente na colza; o mercado da soja pode ser afetado pela seca que afeta a Argentina, mas por enquanto, temos alguma redução no óleo e bagaços. A futura política dos biocombustíveis não deixará de ter forte impacto nas oleaginosas. Em Bruxelas, vamos começar a discutir, já na próxima semana, o Plano Europeu para a Proteína.